

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL - ICHPO

TRANÇAS AFRO :

Identidade feminina negra e cultura visual no Ensino Fundamental.

ITUIUTABA -MG

2021

LETICIA RAMOS FERREIRA

TRANÇAS AFRO:

Identidade feminina negra e cultura visual no Ensino Fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Simone Aparecida dos Passos

Sumário

Introdução	5
1 - Tranças e trancistas	10
2- Estética: percepção da identidade visual negral	15
3- Teorias em formas de prática: uma proposta de construção de práxis educativa	21
Considerações finais	26
Referências:	27

Resumo

As tranças fazem parte da cultura visual afro-brasileira, portanto diante este esboço anunciado, o presente trabalho tem por objetivo apresentar compreensões sobre a história e cultura afro-brasileira a partir de elemento estético associado à identidade da mulher negra. Nisto a nossa pergunta problema é como trabalhar a trança como um elemento da identidade e da cultura visual da mulher negra no ambiente escolar associadas ao belo contribuindo para a formação da criança negra e não negra. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, analisamos livros e artigos que tivemos contato ao longo de nossa formação como trancista e como pedagoga. Pela análise deste material buscamos realizar um estudo sobre as origens da trança, seus tipos, a questão profissional de quem trabalha com os penteados afros, sua relação com a cultura brasileira, e sua presença na escola. Assim, ao longo da análise fomos refletindo sobre a estética negra, a cultura visual, o racismo e o preconceito e uma interface com as práticas pedagógicas que apresentam as tranças como elemento da identidade afro-brasileira. Dentre os principais autores nesta discussão estão Clemente (2010), Gomes (2003) (2020) e Santos (2019). Concluimos ao longo do percurso investigativo que trabalhar a trança como elemento da cultura visual tem um teor que impacta significativamente a formação discente, sobretudo nas meninas negras, fazendo valer a lei 10.639/2003 que estabelece a garantia do ensino de história e culturas afro-brasileiras dentro do currículo oficial da rede de ensino.

Palavras chaves: Tranças; Identidade; Visual; Cultura

Abstract

The braids are part of Afro-Brazilian visual culture, therefore, against this announced outline, the present research aims showing how People understand about the Afro-Brazilian history and culture as an esthetic element associated with the black women's identity. This way, our research problem question is how to work the braid as element of black women's identity and visual culture in the school's environment, associated with beauty, where it will contribute to the formation of black and non-black children. The methodology used was bibliographic and documental research. We analyzed books and articles that we had contacted during our training as braiders and as pedagogue. When we were analyzing this material, we sought to conduct a study on the origins of braiding, its types, the professional aspects of those who works with afro hairdos, its relationship with Brazilian culture, and its presence in schools. So, during the analysis, we reflected on black esthetics, visual culture, racism and prejudice in an pedagogical interface with the practices that present the braids as an element of Afro-Brazilian identity. Among the main authors in this discussion are Clemente (2010), Gomes (2003) (2020), and Santos (2019). We could concluded along this research path that working the braids as an element of visual culture has a content that significantly impacts the students' education, especially in black girls, enforcing the law 10.639/2003 that establishes the guarantee of teaching Afro-Brazilian history and cultures within the official curriculum of the education network.

Keywords: Braids; Identity; Visual; Culture

Introdução

As tranças são um penteado comumente associado ao universo feminino, não só dele, mas o foco desta discussão tomará como elemento o cabelo das mulheres negras e este modo de penteá-los. Pensando a imagem da mulher negra, podemos dizer que a trança é um dos elementos facilmente associados a ela, devido à tradição de se trançar o cabelo. A trança para além de um penteado, também é uma arte, uma apresentação estética, podemos ver que ela pode se realizar com diferentes técnicas, variadas cores, tendo possibilidade de fazer vários formatos e desenhos, tudo ao gosto e estilo de cada uma.

A presença da utilização das tranças vem sendo cada dia mais nítida em nossa país, por conta de muitas lutas e conquistas dos movimentos negros, elas têm ganhado espaços em nossa sociedade sendo interligadas ao campo da visualidade. Discutir as imagens que nos cercam é algo fundamental para a Cultura Visual (SÉRVIO, 2014), assim, pensarmos nas tranças, tornando-as um dos elementos fundamentais para a imagem da mulher negra, nisto sabemos que tocamos sua autoestima e identidade. Nesse sentido, a nossa formação de professores tem trabalhado as questões étnicas de modo a contribuir com conhecimentos acerca da temática de forma crítica, contextualizada e científica.

Durante a trajetória ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Ciências Humanas do Pontal, vemos que esta temática está inserida no cotidiano e mesmo em disciplinas como conteúdo transversal e interdisciplinar, esteve presente na realização de eventos, como por exemplo, o seminário anual sobre as Relações Étnico-raciais que envolve diversas atividades em palestras, apresentações artísticas, mostras culturais, dentre outras.

No entanto, ao fazermos uma busca no repositório de trabalhos do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, não encontramos nenhum trabalho falando sobre o cabelo negro, as tranças, daí nosso objetivo em trabalhar o tema que apresenta questões simbólicas, de resistência, luta e empoderamento. Então, buscou-se outros bancos de teses e dissertações para levantamento de referenciais bibliográficos, sendo estes, as plataformas Capes e Scielo. Nessas, foi possível levantar alguns materiais que discutiam sobre a cultura e a estética negra, assim foi feita uma seleção dos materiais que mais agregariam a temática deste trabalho.

Ao discutirmos o tema tranças em um curso de Pedagogia e em um trabalho de conclusão de curso, temos como argumento que justifique este fazer, questões históricas como,

por exemplo, que os povos africanos escravizados utilizavam os cabelos como detentores de códigos para indicar caminhos para as fugas. “Os penteados indicavam: status, estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo” (CLEMENTE, 2010, p.6).

Mas, o uso das tranças, hoje, não tem o mesmo significado, assim, nossa discussão não se liga somente às questões históricas, ela se associa a questões estéticas.

Hoje em dia, as tranças estão em alta, muitas mulheres estão aderindo ao penteado, seja para festas ou até mesmo para o dia a dia, tendo a opção de utilizar vários modelos e cores nos trançados. Elas trazem facilidade para a vida corrida que vivemos em nosso cotidiano, pois o cabelo crespo demanda mais cuidados para pentear.

Ao fazer um penteado, ou trança, que dura em média de uma semana a três meses, isso pode contribuir com a vida feminina. Mas para além de uma questão de praticidade e moda, é necessário dizer que elas também estão envolvidas diretamente com a cultura africana, portanto, seu estudo e compreensão está dentro da temática étnico-racial, e de acordo com as Leis 9394/96, 10.639/2003 e 11.645/2008 e, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), deste modo, vemos importância desta pesquisa, pois ela toma elementos da cultura e da práxis. O estudo que apresentamos procura ampliar a relação com a cultura e a identidade negra com a valorização das tranças, vemos como um debate possível nos anos iniciais do ensino fundamental. Necessitamos ampliar os materiais que fazem valer as leis anteriormente citadas garantindo o ensino da história e culturas afro-brasileiras.

Correntemente, o cabelo do negro está associado a situações de racismo, assim, construir conhecimento sobre suas texturas, significados estéticos e históricos é importante. Não podemos nos esquecer do pensamento colonial, em que muitas vezes passam despercebido ao olhar da sociedade que impõe um "padrão social de beleza". De tal modo que, há algum tempo, para as pessoas negras se enquadrarem no dito "padrão", os cabelos tinham que estar lisos com produtos químicos, com pente quente, entre outros artifícios.

Negros e negras tentavam se enquadrar utilizando desses procedimentos para ficar com um cabelo “ideal”, hoje notamos que não se utilizam tantos produtos para “esticar cabelos”. Muitos sujeitos ainda aderem ao cabelo liso, algumas pessoas deixam seu cabelo crespo natural, outras utilizam as tranças, cada uma faz a sua escolha construindo um estilo, uma marca visual. Há aquelas que ainda têm medo de assumir os cabelos afro, evitando assim passar por situações de racismo.

Ao assumir as tranças e os cabelos afros, como mulher negra, muitas vezes percebo um olhar “diferente”, noto nos meios de comunicação, redes sociais, entre outros, pessoas negras

em entrevistas de emprego sendo dispensadas por atos racistas, muitos associados à imagem do cabelo. “Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de Bombril)” (GOMES, 2002, p.45).

Passamos por este tipo de situação, algumas vítimas denunciam, contudo, sabemos que isto mexe muito conosco. Infelizmente, há pessoas com mentes preconceituosas que não aceitam a mulher negra e suas visualidades, este é um assunto que não deve passar despercebido aos olhos da sociedade, nem da escola.

Muitas mulheres sofreram utilizando química em seus cabelos para deixá-los lisos, hoje, muitas utilizam a trança por gostar ou como forma de passar por uma transição capilar para voltar seus cabelos naturais, ou seja, a transição acontece quando a pessoa não deseja mais usar química no cabelo e o deixa crescer naturalmente, outras utilizam as tranças para alongar e ter uma autoestima elevada até obter o cabelo natural. Com o passar do tempo os negros vêm se libertando de padrões coloniais de beleza, deixando transparecer sua identidade.

Agora, pensemos: e a criança, como ela constrói a sua identidade em relação ao seu cabelo? E a comunidade escolar em seu entorno, como ela trabalha materiais que expressem a identidade negra e uma cultura visual não racista? Gomes afirma que:

A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos. (GOMES, 2002, p.47)

Na infância, nos anos iniciais do ensino fundamental, é possível identificar atos de racismo com as crianças negras, elas são maltratadas e excluídas por sua cor de pele, aspecto do cabelo e a classe social. Isto pode afetar sua relação com os estudos, o processo de ensino e aprendizado. Este estudo busca possibilitar à escola, à nossa formação, a preparação do professor como um agente responsável pela formação cidadã, devendo balizar ações antirracistas para que as crianças negras compreendam positivamente as visualidades do negro, entre elas a do cabelo.

A partir disso, apresentamos esta proposta que tomamos a visualidade do cabelo trançado e a valorização da imagem da mulher negra. Com isso, a nossa pergunta problema é: como trabalhar a trança como um elemento da identidade e da cultura visual da mulher negra? Esta pergunta está para que possamos pensar como e por que trazer imagens da mulher negra

na perspectiva de construir identidades no ambiente escolar associadas ao belo, contribuindo para a formação da criança negra e não negra.

Nossa hipótese é a de que a construção de materiais de conteúdo com este teor pode impactar significativamente a formação discente, sobretudo nas meninas negras. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar compreensões sobre a história e cultura afro-brasileira a partir das tranças, elemento estético que evoca uma cultura visual associada à identidade da mulher negra. Gomes (2003, p.117) afirma que:

o uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras.

Notamos na prática que a utilização das tranças desde a infância, no seio familiar, é um elemento cultural que as crianças vivenciam e se veem representadas, com isso Reis (2015) fomenta que:

O cabelo tem forte significado na construção da identidade afrodescendente. Sabemos que a população negra enfrenta vários outros desafios sociais e que muitos consideram essa questão do cabelo como secundário ou como algo que nem há necessidade de ser discutido. Mas para a mulher o cabelo crespo está sempre associado à uma questão negativa, porque o cabelo crespo não é referência e nem padrão de beleza. O corpo é aquilo que somos, e aquilo que nos representa e essa relação precisa ser bem desenvolvida. O racismo desumaniza, nos faz criar rejeição pelo nosso próprio corpo. Os padrões de beleza europeizados impostos a sociedade tira a liberdade de escolha estética dos negros a partir do momento que reflete psicologicamente um contexto de opressão e impacto da colonização racista (REIS, 2015, p.26)

Pensando-se no ambiente escolar, podemos levar para a sala de aula um rico conhecimento sobre as tranças, produzir oficinas, conhecer literatura, trabalhar coordenação motora, matemática, cores, entre outras possibilidades de se envolver o trançado. Com todos estes processos, podemos colocar a criança negra em destaque, deixar sua autoestima elevada, assumindo seus cabelos afro com tranças ou não, mas valorizando as características de sua identidade. Assim, ao trazer para aula a interdisciplinaridade e a diversidade, o trançado é um bom elemento visual, pois ele pode estar em diversos conteúdos.

Este trabalho se coloca para combater o que, infelizmente, vem acontecendo deixando o negro com autoestima baixa, o desmerecimento de suas características. A escola pode ajudar a fazer a diferença, colaborando para que a imagem do negro e a sua identidade sejam

conhecidas, reconhecidas, construídas e não apagadas. “É papel da escola formar cidadãos que possam atuar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos”. (REIS, 2015, p.36). Segundo Ferreira e Camargo:

Um dos lugares fundamentais para a construção da identidade do indivíduo desde a infância é a escola. Infelizmente, é também um dos lugares em que o preconceito e a discriminação são também desenvolvidos e alimentados, pois reflete os processos sociais da sociedade em que o indivíduo está inserido. (FERREIRA e CAMARGO, 2011, p.378)

Ao trabalhar a questões étnicas precisamos ter cautela e conhecimento, o professor tem que buscar meios em que o trabalho abordado com as crianças não acarrete negatividade, pois ao invés de ajudar vai atrapalhar reforçando atitudes racistas. Uma vez que a criança negra já traz consigo muitas vezes marcas negativas de uma sociedade racista e preconceituosa até mesmo por conta de suas tranças, que é um dos seus primeiros penteados aderidos na infância. Segundo Reis (2015, p.19)

Uma criança que sofre racismo na escola ou em qualquer outro lugar carrega contigo uma sequela psicológica, social e cultural. A depreciação da pessoa negra gera uma série de sentimentos negativos em relação a sua própria autoestima e contribuiu para o fortalecimento de atitudes racistas, discriminatórias e preconceituosas de toda uma sociedade a um povo que já teve sua identidade enfraquecida por ter sido sequestrado de seu lugar de origem perdendo-se dos seus e de suas raízes através da escravidão.

Ainda estão caminhando em passos lentos, as conquistas referentes as relações étnico-raciais no campo da educação, já se passaram 18 anos deste a Lei nº 10.639/2003, não há diversidade de materiais acessíveis aos professores e vemos que ainda temos crianças em âmbito escolar, sendo silenciadas, com medo de usar suas tranças e de que sejam vítimas de atos racistas. Temos e devemos lutar por meios para que as crianças possam reconhecer sua imagem como positiva, assim continuar assumindo sua identidade. O cabelo é essencial para autoestima, ele moldura o rosto, diz muito de sua constituição, assim, tratar desta temática é fundamental, tanto socialmente como no ambiente escolar.

Metodologicamente, o desenvolvimento desta pesquisa foi de cunho bibliográfico e documental, fizemos leituras de artigos e livros que abordaram os temas da cultura visual e identidade negra tendo como foco a estética das tranças. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos, assim, estas leituras foram fundamentais e oportunizaram uma análise de materiais que elaboramos ao longo de nossa formação.

Entendemos como formação algo que excede a educação bancária (FREIRE, 1974), estamos levando em consideração minha prática e conhecimento de trançista e de mulher negra que está disponível para dialogar sobre as Leis 10.639\2003, 11.645/2008 e a BNCC para uma melhor compreensão da práxis dentro do ambiente escolar.

Durante o levantamento bibliográfico sobre a temática, vemos que este é um assunto que está sendo discutido atualmente, porém, ainda encontramos dificuldades para encontrar produções voltadas para a questão das tranças em si, o que é uma das marcas de ancestralidade trazida da cultura africana e vinculação à identidade feminina. E assim, durante a escrita deste trabalho também vamos nos valer das experiências vividas, da cultura familiar e memória oral dos conhecimentos que viemos construindo como trançista.

Na primeira parte, intitulada *Tranças e trançistas*, apresentamos um estudo sobre as origens das tranças e dos profissionais que trabalham com o cabelo afro, neste primeiro momento, contextualizamos sobre a formação destes profissionais, e o seu papel frente às imposições sociais, elencando ainda os tipos de tranças, bem como a importância destes e sua relação com a cultura brasileira.

Na segunda, apresentamos reflexões sobre estética afro-brasileira, ao qual fazemos uma abordagem histórica da construção do belo marcado por uma ideologia eurocêntrica, que desvaloriza todo estereótipo negro, atingindo inclusive crianças que ainda muito cedo já sofrem com o racismo e o preconceito, assim vemos a importância da educação neste cenário, sendo esta capaz de promover formação e cidadania, rompendo com esse pensamento colonial; e por fim, no terceiro, refletimos sobre atividades pedagógicas que elaborei ao longo de minha formação acadêmica apresentando as tranças como elementos de identidade afro-brasileira, cujo objetivo eram construir materiais que enfrentem o racismo para uma construção da identidade e estética afro-brasileira.

1 - Tranças e trançistas

Ao abordamos o cabelo da mulher negra veremos que o mesmo tem vários tipos de texturas, denominando “2 A, 2B e 2C (ondulados), 3A, 3B e 3C (cacheados) e 4A, 4B e 4C (crespos). Há, também, muita gente que classifica cabelos crespíssimos, que não alcançam a definição (raro no Brasil) como o tipo 5” (BLOG DA SALON, 2017). “Se reafirmar e manter os cabelos crespos é tido como um ato político e de resistência numa sociedade racista em que

o negro é julgado pelo seu corpo, cabelo, a cor da pele e não pelo seu caráter” (QUEIROZ, 2019, p.219), saber sobre a sua textura nos coloca diante de tudo isso.

Assim, reconhecendo o cabelo como um dos elementos da estética negra e que reforça a sua identidade, buscamos nesta pesquisa discutir a questão do cabelo trançado, pois ao fazer as tranças além de todo seu significado de resistência e empoderamento, são arte e beleza, levantando a autoestima de mulheres negras, e ressignificando vivências negativas que tiveram na infância fruto do racismo e do preconceito.

Muitos podem entender como “modinha”, mas para que os negros pudessem usar seus cabelos trançados, há uma história de muita luta, dor, sofrimento e resistência. Contudo, devemos respeitar a opinião de cada um com relação a sua estética de querer ou não utilizar as tranças, ou seja, não impor um padrão a estética negra.

Quando o assunto é o universo dos cabelos trançados, sabemos que têm muitas pessoas ligadas a ele, as que são adornadas pelas tranças e dominam a arte do trançar. Gostaríamos de primeiramente falar destas últimas, pois ao nos referimos ao penteado devemos lembrar que este se realiza sob técnica, cuja nomenclatura usada para referir-se a este trabalhador ou trabalhadora é trancista, cabelereira (o) étnico ou afro ou ainda, trançadeiras, isso vai variar de acordo com a região.

Estes ou estas, muitas vezes, aprendem as técnicas no seio familiar, com mães, avós, tias, entre outros e, algumas vezes, em cursos formais. Segundo Clemente (2010) “As trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são *Griôs*, guardiões das memórias africanas, na palma das suas mãos”(CLEMENTE, 2010, p.14).

Gomes (2020), em sua pesquisa sobre o cabelo do negro, constata que a dona de um dos salões étnicos pesquisados, começou na casa da mãe, passou por outros lugares até chegar no espaço de seu salão. Portanto “[...] as tranças são deslocadas do universo familiar e chegam no espaço do trabalho como forma de sustentabilidade para muitas mulheres negras” (SANTOS, 2018, p. 3672). Percebemos que aos poucos estes trabalhadores e trabalhadoras começam a atender em suas próprias residências, ou no domicílio do cliente, e vão conquistando e ampliando, pela experiência, os espaços de trabalho. Fato é que o trabalho direcionado ao cuidado com o cabelo afro tornou-se uma profissão regulamentada, sendo o trancista ou cabelereiro étnico reconhecido pelo Ministério do Trabalho desde 2009 (NICOMEDES, 2021).

Em nossa região é comum usar o termo trancista para este profissional, inclusive há data comemorativa para a profissão em alguns lugares, como por exemplo, no município de Uberlândia - MG, foi aprovado pela Câmara Municipal no dia 11 de janeiro de 2021 a Lei

13.461 que institui no calendário oficial do município o dia da profissão da trançista, a ser comemorado anualmente, em 18 de janeiro.

Vemos que esta profissão tão ligada à ancestralidade possui um ganho significativo, sendo reconhecida pela legislação. É preciso destacar que as trançistas trazem junto ao seu trabalho o reconhecimento e a valorização da história e cultura étnica. Afinal, foram muitas lutas para que hoje pudéssemos usar nossas tranças e rompendo o padrão de beleza que a sociedade impõe. Segundo Santos (2019, p.12)

Não é nenhuma novidade as notícias de jornais, sites e revistas que denunciam escolas, mercados e outros setores da sociedade que recusam a aparência negra quando o cabelo crespo não está moldado por procedimentos químicos que alteram a estrutura capilar dos fios para deixarem lisos ou encaracolados. Desse modo, o processo de recusa de pessoas negras como A. não pode ser lidos apenas como reflexo de uma mente colonizada e impregnada de ideias racistas que circulam na sociedade. Na realidade, o uso dos cabelos alisados ou manipulados para aparentarem que são encaracolados podem apontar como a sociedade brasileira rejeita repetidamente corpo e cabelo crespo do negro. (SANTOS, 2019, p.12)

Diante de uma sociedade que impõe atos racistas, o papel da trançista, vai além de entrelaçar os cabelos, promove uma imagem de beleza, que pode contribuir, e muito, para a autoestima de sua cliente, pois, como vimos anteriormente muitas pessoas passam por procedimentos químicos na busca pela aceitação social, o que interfere na sua identidade e também gera danos na estrutura e fio do cabelo, além de outras consequências.

Com esta danificação, muitas mulheres negras começam a utilizar as tranças para passar por uma transição capilar, visando chegar ao seu cabelo natural. Isso acontece pois, “O negro e a negra se veem diante de um conflito que envolve não só a escolha de um determinado estilo de cabelo, mas também questões de sobrevivência, raciais, políticas e indenitárias” (GOMES, 2020, p.197).

Sendo assim, vemos a relevância dos trançistas em levar informações na busca de romper com pensamentos preconceituosos sobre a estética negra. Percebemos como afirma Santos (2019)

Apresentar os saberes, técnicas, práticas e modos de conhecimentos de mulheres negras trançadeiras é um desafio teórico que procura protagonizar o nosso lugar no mundo enquanto trabalhadoras, articuladoras e possuidoras de epistemologias. Ser negra no Brasil não é nada fácil como a literatura das relações étnico-raciais aponta, tornar-se negra é um processo delicado, doloroso e dificultado pela persistência do racismo e discriminação racial que atravessa nossas subjetividades esmagando nossas autoestimas. No entanto, as trançadeiras negras têm sido responsáveis por um resgate de valorização estética silencioso, na realidade seus trabalhos e todas suas políticas não são destacados ou devidamente referenciados. Contudo afirmamos que são nessas políticas da imagem, do pouco espaço de fala que brotam e permanecem saberes e

conhecimentos que podem ser aproveitados em contextos escolares. (SANTOS, 2019, p.15)

Assim, pensando no ofício do trançar e seu significado social, o ato do pedagogo se atentar à imagem das tranças e os conteúdos a elas ligados envolvem uma gama de saberes. A criatividade das trançista, por exemplo, ao realizar seu trabalho, pode favorecer as atividades escolares, pois realizar um penteado, como veremos a seguir, pode incluir vários conteúdos, formas geométricas, quantidades, cores, história, cultura e africanidades, o que contribui com um visual marcante e belo. Nas tranças vemos possibilidades de fazer uma educação prazerosa e transformadora, pois compreendemos que ela traz diversas possibilidades de ser e estar no mundo. Santos (2013) aponta que:

Fazer e usar tranças não são nenhuma novidade nos espaços de sociabilidade negros. A trança é sempre um recurso estético, podendo conter vários sentidos desde esconder, camuflar e expressar identidade através dos cabelos. Seus significados podem ser muitos, mas o seu uso é histórico. Mesmo passando por tantas formas de opressões, os grupos descendentes de africanos não abandonaram ou esqueceram como recurso estético, sempre nos foi possível encontrar pessoas negras de cabelos trançados. (SANTOS, 2013, p.35).

As tranças são utilizadas em qualquer faixa etária, há estilos mais renovados e coloridos, tem-se a opção de adereços para colocar nas tranças, como os anéis, terêê, cordões, fitas, flores, entre outros, variando de acordo com o gosto e interesse de cada pessoa.

Assim, é preciso reconhecer as marcas das culturas africanas em nossa corporeidade, aqui damos ênfase nas tranças mais usadas em nossa região, sendo nosso ponto de referência a Congada, onde podemos notar a beleza e riqueza das tranças que cada um carrega, cores e formatos diversos, embelezando e caracterizando a força e a resistência do povo negro pelas imagens das mulheres na festa de N. S., lembrando que a nomenclatura delas muda de acordo com a região. Na região do Pontal do Triângulo Mineiro são muito comuns Trança nagô

(rasteira, raiz, agarradinha ou carreirinha)¹, Trança Box Braids², Twists ou tornado³, Dreds. Interessante dizer que no cuidado das tranças, a higienização se dá a partir da lavagem uma vez por semana ou de três em três dias, se o cabelo for oleoso, dependerá da necessidade de cada pessoa, sempre utilizando xampu sem sal, o condicionador, caso necessário, somente no comprimento das pontas, optando em lavar no período da manhã, para que possa secar naturalmente, pois levam tempo devido aos entrelaçados junto ao material.

Outro fator importante, é que não se deve dormir com elas molhadas ou úmidas, pois podem trazer consequências, como a queda, mau cheiro e até mesmo fungos. Se for utilizar o secador, que seja no ar frio, mas, o indicado é deixar secar naturalmente para melhor durabilidade das tranças. Ao dormir recomenda-se utilizar fronha ou touca com material de seda ou cetim, pois assim vai ajudar a manter a qualidade e beleza das tranças não deixando frizz.

Portanto, ao aplicar a higienização e cuidados se tornam fundamentais para manter a beleza e os cabelos saudáveis. Todo este conhecimento técnico é importante para o negro que optará por usar tranças. A partir destas informações de como cuidar do cabelo do negro por meio de desenvolvimento de técnicas sobre o uso das tranças, reconhecendo estes saberes Gomes (2002) aborda que:

O uso das tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos

¹As trança nagô, rasteira, raiz, agarradinha ou carreirinha – assim são conhecidas, a trança é realizada bem junta a raiz do cabelo, iniciando com três mechinhas de cabelo podendo ser feita somente com o cabelo natural ou alimentar com outro material para ficar na espessura que se deseja. O material utilizado para alimentar, geralmente, é utilizado o jumbo, fibra sintética, linha de crochê, lã, dentre outros que variam de acordo com a região. Ao produzir as tranças têm-se a opção de fazê-la em carreirinha, modo tradicional ou até mesmo fazer desenhos com curvas, zig zag, linhas retas, círculo, flor, coração entre outros a durabilidade dela chega até a 3 semanas. A trança nagô também é muito utilizada para fazer a técnica do entrelaçamento, ou seja, ao realizar a trança nagô na cabeça inteira, com ajuda de uma agulha vai encaixando as tranças sintéticas prontas removíveis como de box braids, twist, dred sintético, cabelos naturais e orgânico em tela, assim esta técnica é mais rápida por utilizar o material pronto podendo somente encaixar ou costurar sobre a trança nagô.

²Trança box braids é uma trança solta podendo variar na espessura, sendo ela fina, média ou grossa. Ela é feita com ornamentação junto ao cabelo natural, utilizando três mechas de cabelo para fazer cada trança. Os materiais mais utilizados em nossa região para fazer estas boxes braids são a linha de crochê, jumbo, kanekalom e a lã. Com estes materiais ao fazer a trança pode ter a opção de camuflar a trança, ou seja, a pessoa pode estar com cabelo preto e o material ser a cor que desejar, já que a cor do cabelo natural não aparecerá.

Neste modelo, devido as tranças serem soltas a cliente tem a opção de realizar outros penteados como coque, rabo de cavalo entre outros renovando o visual sempre. A durabilidade varia entre 2 a 3 meses, ao retirar as tranças e aconselhável deixar o cabelo descansar, e após alguns dias, se desejar, colocar novamente, durante este descanso o indicado é realizar um cronograma capilar para hidratação e saúde dos fios.

³Twists ou tornado, este penteado com relação as tranças que utilizamos três mechas, é feito apenas com duas mechas, e cabelo natural, ou utilizar a técnica do entrelaçamento. A duração é em torno de 2 a 3 meses, o que dependerá do cuidado da pessoa.

crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos. (GOMES,2002, p.44).

Qualquer que seja o estilo, para nós, reconhecemos que a autoestima da mulher negra vem ao longo dos séculos, sendo afetada pelas características do seu cabelo. Nós como mulheres negras durante a infância percebíamos que as cores das tranças que utilizávamos eram bem básicas como preto, castanho e uma ou duas mechinhas coloridas, para não chamar tanto atenção.

Neste início de século XXI notamos que houve mudança quanto a isso, percebemos em nosso cotidiano a variação de cores, como que ressaltando ousadia e poder. O que não é uma exclusividade do cabelo afro, como o nosso objeto em questão, por isso não irá tomar esta discussão do feminino não negro. Assim, não podemos deixar de dizer que ao utilizar cores diversas estamos em enfrentamento, como trancista, escutamos clientes que retiraram suas tranças por conta de falas de desvalorização do cabelo trançado. No entanto, vemos aqui a importância do trancista expor a importância das tranças para a valorização da nossa história e dos nossos símbolos de resistência.

2- Estética: percepção da identidade visual negral

Ao discutirmos as questões étnico-raciais, entendemos que a nossa estética, nossos corpos, nossos traços, silhuetas, cabelos, cor, enfim, nossas características físicas, são objetificadas, sendo reduzidas e inferiorizadas a uma cultura dominante que nos oprime. Em relação a estética, Berth (2019) nos traz a seguinte abordagem

Estética, uma palavra originada do grego aisthesis, significa, genericamente, percepção ou sensação. É a parte da filosofia que estuda o que julgamos e percebemos daquilo que é considerado belo, as emoções que essa percepção produz e a definição que se pode fazer entre o que é de fato belo é uma percepção pode ser alterada, manipulada ou influenciada. Os conceitos estéticos acerca do belo têm mudado de acordo com os valores e intenções da época. (p.112-113)

A construção do belo no contexto colonial foge do que somos e se reduz apenas a valores e conceitos de uma sociedade marcada por preconceito e dominação, que reproduz padrões,

principalmente de cabelos, ao qual não nos encaixamos. Neste contexto cria-se o estereótipo negro, marcado expressivamente pela cor da pele e cabelos característicos, como algo feio e inferior, passando a sociedade a rejeitar esses corpos, inclusive o negro dentro desse processo, uma vez que o referencial de belo se dá a partir de referência eurocêntrica (SANTIAGO, 2015).

Portanto, dentro do contexto educacional brasileiro, ao abordamos a estética negra, sabemos que há o envolvimento de vários elementos da cultura, valorização do sujeito e combate ao racismo, assim, “os cabelos são um importante elemento estético de autoafirmação e de cultivo do amor à própria imagem, sobretudo para mulheres, seja elas da etnia que forem” (BERTH, 2019, p.116).

A estética negra sofre com ataques racistas desde muito tempo, tais ações podem ser nocivas para a saúde emocional de muitas mulheres negras, que são afetadas da infância à fase adulta, resultando na luta da mulher negra para existir com seu pertencimento racial. Em geral, no Brasil, ter cabelo natural crespo é ser alvo de comentários pejorativos, propagandas e piadas racistas. (QUEIROZ, 2019, p.214)

O processo de apresentação da estética negra de forma a vencer preconceitos está caminhando, carregamos toda uma história, e romper as ideias da sociedade racista se torna fundamental. Na infância começamos a entender e perceber o que é ser negro em nossa sociedade, através de apontamentos e olhares racistas, e isto não é diferente ao entrar no âmbito escolar. Há famílias conscientes da construção do ser negro, pois em algum momento em sua vida já passaram por situação de racismo, então desde cedo passam a transmitir saberes e práticas aos pequenos de valorização da autoimagem, enfim, que sua estética está para o belo. As crianças negras são lindas!

Mas, sabemos que nem toda família possui referências e conhecimentos para enfrentar o racismo e a construção da autoimagem positiva atrelada à questão do belo do negro, e desde a infância se torna uma necessidade. Segundo Clemente (2010), ideias racistas expostas às crianças se manifestam muito em relação ao cabelo. “As afirmações vêm dos familiares mais próximos, com frases como: sua irmã tem cabelo ‘bom’, vamos pentear este cabelo pixaim, entre outras frases que diminuem a autoestima da criança negra, no próprio ambiente familiar” (CLEMENTE, 2010, p.10).

Assim, ao propormos no ambiente escolar o conhecimento e a valorização da estética negra estamos tratando de um conteúdo de relevância para todo brasileiro. A trança é um elemento de identidade a ser trabalhado na escola, pois falar da estética negra é também

entender o racismo e preconceito no nosso cotidiano, pois “a criança sai do círculo que constitui família e amigos, para relacionar-se com outras crianças” (CLEMENTE, 2010, p.10), e mais, é propor um conhecimento que excede o contexto familiar e transita, na cultura e na história do Brasil, superando a subjugação dos indivíduos a conceitos falsos.

Ao discutir a valorização da trança no âmbito escolar, valorizando a estética negra compreendemos que “ [...] os cabelos são apenas um primeiro elemento, e de grande importância, que responde sozinho, sobre tudo nas mulheres negras, pelo orgulho necessário para dar início aos processos de empoderamento” (BERTH, 2019, p.117), buscamos livros infantis que pudessem contribuir com a elucidação da imagem do negro e de uma estética feminina negra.

A partir dessas leituras a criança poderá reconhecer-se e o outro poderá vê-la como exemplo de uma elucidação de belo, como algo positivo na história, na cultura, de sua identidade e estética.

Desse modo, acreditamos que as obras de literatura infantil que resgatam traços dessa cultura são de suma importância na formação cultural e indenitária das crianças, especialmente em contexto escolar, sobretudo para as afrodescendentes, por se verem representadas nessas obras literárias. (BARREIROS e VIEIRA, p.125)

Os livros de literatura infantil vêm contribuir com a aprendizagem das crianças como os elementos afro-brasileiros, entre as obras que visitamos com este objetivo está “Betina”, das autoras Gomes e Nascimento, trata-se da história de uma criança que desde pequena tinha seus cabelos trançados por sua avó e, ao mesmo tempo, ia contando a história de seus ancestrais, a qual a menina aprendeu a trançar cabelos e, no futuro, tornou-se uma profissional reconhecida e que ministrava palestra em escolas. Outro livro é “As Tranças de Bintou” (DIOUF, 2004), que de acordo com Barreiros e Vieira (2011) trazem as seguintes considerações:

A obra analisada, que tem uma protagonista narradora, procura da voz á criança para que exponha seus conflitos indenitários. Essa perspectiva narrativa mostra-se interessante por aproximar o público geral, quando traz questionamento fundamentais sobre o que é ser criança. Em relação à questão de identidade das crianças afrodescendentes da etnia negra, ver-se representada, fortalecendo a questão do pertencimento. (BARREIROS e VIEIRA, p.124)

Esses dois livros trazem a trança como elemento da identidade, acarretando conhecimentos que são repassados de geração para geração como forma de pertencimento e convívio de suas culturas. Atualmente há uma vasta produção literária que aborda temáticas que envolvem os cabelos do negro, mas nem de longe ela possui números concorrentes com os

temas eurocentrados, que podem contribuir de forma positiva para crianças negras nas escolas. Ainda segundo Clemente,

O ato de trançar os cabelos marca a infância da criança negra, pois, é neste momento que as mães reúnem seus filhos e trançam cuidadosamente os seus cabelos. Este ato é transmitido de geração para geração e o aprendizado da técnica é feito através da observação. (CLEMENTE, 2010, p.9)

Assim, percebemos que as famílias negras passam de uma geração à outra artifícios de identidade do negro, reconhecemos que há a necessidade de a escola trabalhar este conhecimento. Segundo Reis (2015, p.23) “A cultura africana, quando trazida para sala de aula, reconstrói nos sujeitos escolares uma imagem positiva do continente africano, como também eleva autoestima dos alunos afrodescendentes”.

GOMES (2003) afirma que o cabelo possui uma simbologia que se difere de cultura para cultura, e deste modo compreende-se a importância deste como símbolo identitário, e para além de símbolos identitários, Barreiros e Vieira (2011) vê o cabelo e o ato de trançar não somente como marca da identidade, mas estes “[...] representam um dos laços que unem o Brasil e a África” (p.122).

No mais, em outra perspectiva, entendemos a partir das palavras de Ferreira e Camargo (2011) que a boa relação com o corpo é necessária, o que contribui tanto com a construção de uma identidade de valores, como também para a harmonia psíquica do sujeito. Assim, “O sujeito que não consegue oferecer absolvição ao próprio corpo pelos sofrimentos que este lhe impõe começa a ter no corpo um perseguidor implacável que traz uma gama de sentimentos relacionados à dor e à morte” (FERREIRA e CAMARGO, 2011, p.378).

Santiago (2015) também nos alerta sobre as relações e interdependência da cultura infantil com a cultura adulta, sendo assim, o racismo, o preconceito, e a opressão também podem estar presentes nas relações entre as crianças. Diante disso, vemos o quanto elas são atingidas pela organização e instituição de valores sociais e culturais de modo a ficarem homogêneas e semelhantes ao padrão.

Assim, por estar rodeada de sujeitos que ainda colaboram, mesmo que de forma indireta, com a manutenção do racismo, as crianças começam a incorporar no seu mundo simbólico uma visão negativa sobre características de matrizes africanas, mantendo assim o padrão da opressão e inferiorização do negro (FERREIRA E CAMARGO, 2011).

Desse modo, ao refletirmos sobre o racismo na infância e as consequências desse na apropriação da identidade da criança negra, cabe salientarmos a importância da educação nesse

processo, iniciando um trabalho desde a mais tenra idade. Silva (2014) salienta a importância de discutirmos na escola o conceito de identidade, diversidade, etnocentrismo, conceitos essenciais para se trabalhar o multiculturalismo, no sentido tanto de conhecer e compreender a história, como compreender os processos que envolvem o preconceito, expondo ainda que todas as culturas e etnias possuem seu valor e são essenciais para a composição de uma sociedade plural e diversa.

Mas, sabe-se que ainda há uma grande lacuna em torno da função social da escola e as práticas educacionais no processo de formação, “[...] a escola tem o compromisso de reconhecer e valorizar e conduzir de forma ética, a pluralidade étnica e cultural, como forma de transformar as ideologias preconceituosas no seio social” (SANTOS, 2018, p.14).

Cabe frisarmos a importância da prática docente neste cenário, mas antes de tudo, cabe ressaltar, para que ocorra essa problematização dentro da escola, é necessário que o professor tenha tido uma formação crítica, baseada na perspectiva antropológica, já que é a partir dela que é possível compreender que “[...] cultura, seja na educação ou nas ciências sociais é mais que um conceito acadêmico” (GOMES, 2002, p.169).

Nesse sentido, a antropologia possibilita a compreensão das organizações políticas-sociais no passado e que hoje interferem radicalmente nas relações sociais, contribuindo com a preservação do *status quo*, dando ao professor autonomia e ressignificando o seu olhar sobre práticas educativas, contribuindo de tal modo com a aquisição de seu pensamento crítico, e não transferido a responsabilidade de sua prática a terceiros, como exposto por Santos (2018)

Com base na bibliografia consultada, é comum encontrar nas escolas públicas, que ainda atribuem às discussões antirracistas à responsabilidade de outros estudiosos, como sociólogos, historiadores, psicólogos, e até mesmo militantes negros, como se fosse tarefa da escola, discutir a temática. Isso demonstra uma incompreensão e desconhecimento, por parte de alguns educadores sobre formação cultural no Brasil, perpassando a ideia única, de que a função da escola é apenas transmissora de conteúdo, acumulados de forma linear e tradicional, pela história oficial (p.17)

Sendo assim, é inegável que a escola tenha tido dificuldade de promover um espaço crítico e, mais do que isso, é uma situação que merece atenção, uma vez que possuímos legislações que trazem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (GOMES, 2020)

No entanto, Santos (2018) aponta sobre a relevância de se trabalhar a diversidade na educação, dando ênfase sobre a cultura afro-brasileira, frisando também sobre a carência de investigações por parte da academia nos trabalhos realizados nas escolas. No mais, vemos que embora, de certa forma, a diversidade seja trabalhada, aponta-se que a questão estética não é

discutida com criticidade, principalmente em torno dos símbolos de resistências, como as tranças.

Embora atualmente os currículos oficiais aos poucos incorporem leituras críticas sobre a situação do negro, e alguns docentes se empenhem no trabalho com a questão racial no ambiente escolar, o cabelo e os demais sinais diacríticos ainda são usados como critério para discriminar negros, brancos e mestiços. A questão da expressão estética negra ainda é considerada um tema a ser discutido pela pedagogia brasileira. (GOMES, 2002, p.45)

Reafirmando isto, Gomes (2002) mostra que o resultado de uma pesquisa com mulheres e jovens negras demonstram o quanto a escola tem sido espaço de racismo a partir do estereótipo. Para ela “A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético” (p.2). Em seu trabalho ela ainda destaca o peso e impressão dos cabelos crespos durante a fase escolar:

A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos. (GOMES, 2002, p.45)

Portanto a criança negra necessita de ter acesso à conhecimento de imagem e autoimagem associados ao belo para que enfrente atitudes de racismo, por conta de seu cabelo, seja traçado ou não, construindo defesas neste cenário de racismo e inferiorização do estereótipo negro. Entendemos esse movimento a partir de um processo histórico inerte e que prejudica a cultura de um povo que por toda história de nosso país, vem sendo segregado e marginalizado.

É válido ainda salientar que essa situação se dá mediante a efetivação da hegemonia branca, e a construção de mecanismo, pelo homem branco, que anulam outras culturas são dominantes (SANTIAGO, 2015; FERREIRA e CAMARGO, 2011).

Assim, os professores necessitam ter acesso as produções acadêmicas para construir materiais de valorização estética do negro para que possam produzir suas sequências didáticas, planos de aulas, projetos, entre outros modos de abordar conteúdos referentes às questões étnico-raciais.

3- Teorias em forma de prática: uma proposta de construção de práxis educativa

Diante da responsabilidade de promover práticas educativas pedagógicas que trabalhem a história e cultura afro-brasileira, visando a compreensão sobre a temática, bem com a valorização da história de nosso país, o objetivo desta parte do trabalho foi revisitar e analisar planejamentos e atividades executados nos anos iniciais do ensino fundamental. Diante de toda a discussão que elencamos anteriormente, e de posse da reflexão sobre a importância da trança como elemento técnico e estético vinculados à mulher negra, elaboramos atividades que estimulem nas crianças o valor da cultura afro-brasileira, bem como apresentamos elementos de força e resistência dessa, visando a construção de uma sociedade menos racista e preconceituosa.

A organização destas atividades se fundamenta a partir da lei nº 10.639/03 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003), e pela lei nº 11.645/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena (BRASIL, 2008), e BNCC.

Desse modo, levando em consideração a importância do trabalho com a cultura étnico-racial na educação nacional, as reflexões aqui apresentadas foram estruturadas de forma que o lúdico promova interação e conhecimento, visando assim um processo de ensino-aprendizagem significativo e que promova a aquisição de diversas habilidades.

Nesse sentido, pensou-se em atividades que estejam em consonância a uma educação transformadora, na qual o sujeito compreenda sobre sua história, de seu país e que valorize a diversidade e o multiculturalismo.

Arelaro e Cabral (2019) apontam o quanto Paulo Freire buscou discutir e promover um amplo acervo teórico sobre conhecimentos que partam das classes populares para a construção de uma mudança no meio ao qual estamos inseridos:

Para ele, a educação requer, de forma permanente: a) o cultivo da curiosidade; b) as práticas horizontais mediadas pelo diálogo; c) os atos de leitura do mundo; e) a ampliação do conhecimento que detém sobre o mundo problematizado; f) a interligação dos conteúdos aprendidos; g) o compartilhamento do mundo conhecido, tendo por base o processo de construção e reconstrução do conhecimento (ARELARO e CABRAL, 2019, p.267-268)

De tal modo, vemos a importância do professor na mediação do conhecimento promover junto aos seus alunos uma prática reflexiva, em que são valorizados saberes e conhecimentos mútuos, prevalecendo assim a práxis, que “[...] somente se dará objetivamente pela transformação da situação que gera a opressão. Ou seja, exige ação” (ARELALO e CABRAL, 2010, p.277).

Assim, pensando-se no conhecimento das tranças como elementos da cultura, elaboramos um roteiro para tratar do tema, tendo como objetivo geral abordar as relações étnico raciais por meio da ênfase na imagem do negro, apresentando imagens advindas de contação de histórias, de fantoches e dos próprios sujeitos inseridos no contexto de aprendizagem por meio de um desfile. Em consonância a este objetivo maior, visamos que os sujeitos do conhecimento compreendam questões referentes a ancestralidade e cultura afro-brasileira, promovam a valorização da estética negra e que façam isto em momentos de interação e ludicidade por meio da construção de fantoches.

As atividades planejadas se organizarão em quatro aulas, a primeira com a duração de uma hora, sendo necessário a organização da sala: as crianças se deparariam com imagens de pessoas com tranças de diferentes cores e formas, imagens de pessoas famosas e anônimas. Ao observar a reação das crianças ao ver as imagens, faríamos uma roda de conversa, a fim de fazer um levantamento prévio sobre suas perspectivas interpretativas das imagens das pessoas com tranças.

A interação neste momento seria fazendo algumas perguntas como: Quem vocês conhecem que utilizam as tranças? Quem aqui na sala já fez algum tipo de trança? Se sim, gostaram ou não, e como se sentiram? Quem gostaria de fazer algum tipo de trança e qual estilo? Esse momento seria de muita interação e diálogo, uma oportunidade para que a criança se expressasse, opinasse e construísse uma expressão sobre o tema. Trabalharíamos as imagens expostas, dialogando sobre cores das tranças, os formatos que apresentam, como círculo, quadrado, borboleta, flor, trabalhando de tal modo, também, as formas geométricas.

Nesse momento de diálogo é preciso reforçar que as tranças que ali estão sendo discutidas se tratam de elementos culturais da cultura afro, sendo essas símbolos de uma cultura que vem sendo alvo de preconceito e discriminação ao longo dos anos.

Esta atividade tem como intuito promover ao aluno um momento de troca de saberes e conhecimentos, trazendo a eles as questões dos significados da trança, esse momento será de contextualização da temática, instigando e provocando os alunos para que se expressem e dialoguem para que juntos possamos construir saberes. “[...] assim estarão estes, no momento

de aprendizagem, liberando a sua capacidade criar e reinventar o mundo, de expor a sua afetividade e ideias do imagético” (SILVA, 2011, p.39)

No decorrer da atividade seriam observados a interação, a participação e o envolvimento de cada criança, assim, a partir dessas observações, poderemos promover novas intervenções que estimulem a participação das crianças.

Em uma segunda aula, apreciaríamos uma contação de história, o local da aula seria na Biblioteca da escola e a obra escolhida, *Betina*, da autora Nilma Lino Gomes. Haveria a preparação do ambiente, colocaríamos almofadas e tapetes de forma que as crianças ficassem bem à vontade.

Ao final da contação, faríamos perguntas sobre a história, como: Vocês já tinham escutado esta história? Gostaram? Quem é a personagem principal? O que acharam dela? Quem mais faz parte da história? De que se trata essa história? Entremearíamos à interpretação da obra questões históricas abordando as imagens de avós, cabelos, tranças, penteado, ancestralidade, comentando sobre a cultura que é passada de geração para geração no ato de pentear os cabelos. Representar em uma folha A4 com giz de cera e lápis de cor a parte da história que mais gostou e o que compreendeu de nossas conversas.

Solicitar para próxima aula que trouxessem um par de meias pretas, seria a nossa tarefa de casa. A organização desta atividade se daria considerando a importância de promover conhecimento através de obras literárias que abordem a temática apresentada, cabe ressaltar também a relevância da literatura em promover a aquisição de diversas habilidades, como a linguagem, memória, oralidade, dentre outros. Silva (2011) nos afirma que a “A contação de história possibilita ampliar o olhar sobre o mundo, podendo estimular o imagético nos sujeitos alunos (p.35).

Algo também muito importante nesta história é o protagonismo da criança negra e de seus familiares. Eis a imagem do negro de forma positiva, empoderada, única na expressão de um mundo em que a criança negra possa reconhecer a si e aos seus. Literatura é um importante instrumento na construção da estética e imagem do negro, vemos a importância de incluir este material na organização do trabalho pedagógico, pois além de promover acesso a conhecimentos diversos, oportuniza um repertório histórico-cultural amplo.

Consideramos que o trabalho com a literatura na sala de aula almeja alcançar múltiplas competências, visto que a criança em processo de desenvolvimento demonstra muita curiosidade e interesse por narrativas, em especial, as que envolvem imagens (KAERCHER, 2011).

Sendo assim, o trabalho com a literatura promoverá a elas um universo amplo de descobertas e também de inserção à cultura letrada. A terceira aula de nosso planejamento teria

como foco a confecção de fantoches com meia da personagem Betina, seria o momento de trabalhar com a meia preta, fios de lã para ensinar as crianças a fazerem as tranças, criarem olhinhos e boquinha em E.V.A.

Cada criança confeccionaria o seu fantoche escolhido, Betina ou a avó, ficando a critério da criança. Haveria um momento de interação: ao finalizar os fantoches, sendo realizado um momento de brincadeiras livres entre as crianças de modo que elas se expressem através do material construído.

Nesse momento, observaríamos as falas dos alunos, os diálogos construídos por eles em torno dos aprendizados adquiridos ao longo dos trabalhos desenvolvidos. Logo, iríamos solicitar que apresentem um pequeno teatro entre os colegas, podendo recontar a história de Betina ou outra de sua imaginação. No dia seguinte iríamos promover *Um dia de beleza afro*, enviaríamos um bilhete aos responsáveis explicando sobre a proposta desta atividade em trabalhar tranças e pedir, se possível, que as crianças que quisessem fossem com algum modelo de trança para o evento para participar de um desfile. Os responsáveis que quiserem prestigiar poderiam comparecer no dia, ajudar a ensaiar as crianças, registrar as atividades durante o processo para fazer uma futura exposição de fotos e vídeos no pátio.

Ao propor tais aulas, poderíamos avaliar se a criança se sentiria pertencente a todo conhecimento que vinha sendo discutido nas aulas, uma vez que, o momento de construção, é dado como o de colocar em ação o aprendido, dando significado aos saberes e conhecimentos internalizados. Além disso, a interação e o momento lúdico criado possibilitarão o desenvolvimento de sentimentos necessários a vida cotidiana. Silva (2011) defende o trabalho lúdico por diversas questões, entre elas, por “[...] ser prazerosa e direcionada à aprendizagem do sujeito aluno, que estabelecerá relações cognitivas com tais experiências vividas, fazendo com ele possa relacionar-se com o mundo” (p.38).

Em outra perspectiva, Santos (1997) reafirma o trabalho com o lúdico, pois se trata da mudança de padrões da prática docente.

É mudar nossos padrões de conduta em relação à criança, é abandonar métodos e técnicas tradicionais, é buscar o novo, não pelo modernismo, mas pela convicção do que este representa, é acreditar no lúdico como estratégia do desenvolvimento infantil (SANTOS, 1997, p.39)

Assim, entendemos a importância de possibilitar aos alunos experiências diversas, não apenas para o seu processo de aprendizagem, mas também para a transformação do trabalho docente, indo assim ao encontro de uma prática transformadora, a práxis. Outro fator importante

que foi passado para construção destas aulas por meio da apresentação teatral, que para além da representação teve como intuito promover um espaço de exposição, oralidade e imaginação.

O teatro de fantoches se caracteriza por ser uma técnica lúdica, facilitadora da manifestação do sujeito. Enquanto técnica, não é o fim, mas, o meio que facilitará chegar a um fim, e, no nosso caso, a construção do conhecimento. Existem muitas possibilidades, quando se fala em Teatro de Fantoches, e uma delas talvez possa ser facilidade de trabalho a partir do lúdico (SILVA, 2011, p.39)

De tal modo, vimos mais uma vez as diversas possibilidades de promover acesso ao conhecimento por diferentes metodologias de caráter lúdico, que contribuem com o processo de aprendizagem. Esses momentos proporcionariam o contato com brincadeiras e cantigas que são passadas por gerações, trabalhando além da musicalidade, história, cultura e diversidade.

As atividades artísticas aqui elencadas na realização da discussão sobre a educação para as relações étnico-raciais trariam a imagem e a estética da mulher negra de forma a protagonizar ações identitárias de cultura e de conhecimento. Nesta proposta seria possível desenvolver atividades com diferentes focos, trabalhando a temática étnico-racial de forma transversal e interdisciplinar.

E é nesta perspectiva que as atividades de intervenção foram elaboradas, além de propiciar as crianças uma contextualização dos elementos técnicos, envolvemos, a criação, a crítica, fruição, estesia, expressão, reflexão (BNCC, 2018), fugindo às práticas tradicionais e favorecendo conhecimentos diversos, mediante a justificativa de que a prática pedagógica deve estar voltada à criança no sentido em que desenvolva suas potencialidades, promovendo ações capazes de modificar posturas, despertando o senso de curiosidade e interesse pelas diversas questões sociais.

Ressaltamos que mediante a diversidade de assuntos e conceitos que permeiam a temática afro-brasileira, poderíamos estender o planejamento para a culinária, as roupas, danças, comidas, brincadeiras dentre outras, sempre de forma lúdica e interacionista.

Na aula 4 será proposto um primeiro momento em roda com as crianças, a qual será realizado perguntas de como foi fazer o reconto em casa, para quem a criança realizou o reconto e o que acharam da história. Logo após, iniciaremos uma oficina de tranças, onde deveremos interagir com as crianças a forma que é construída as tranças, dialogando sobre a profissão da trancista.

As trancistas convidadas, além de ensinar como fazer, irão convidar os alunos para que sejam modelos para que elas façam as tranças em uma aula posterior. Após a construção das tranças, ocorrerá um desfile para demonstração da beleza e da riqueza da cultura e da trança

afro. Para realização deste evento a quadra de jogos estará toda organizada com os registros dos trabalhos dos alunos durante o processo das atividades. Para finalizar, ocorrerá uma fala ao público presente, dizendo como foi trabalhar as atividades e o porquê deste trabalho. Esta aula seria o fechamento da temática buscando sintetizar de forma prática e demonstrativa concretizar todo o conhecimento de forma simbólica e ilustrativa, ressaltando a diversidade, a riqueza e a beleza da cultura étnico.

Considerações finais

A partir da discussão apresentada neste trabalho de conclusão de curso, constatamos o quanto a cultura afro-brasileira possui elementos simbólicos de força, luta e resistência. Mas, para que possamos nos reafirmar e romper com as barreiras do preconceito e da segregação, os elementos que constituem a história afro necessitam ser discutidos por estudantes de cursos de licenciatura, professores, responsáveis e crianças.

A afirmação e reafirmação dos símbolos e da história afro-brasileira em nossa sociedade que ainda se mantém racista e preconceituosa, precisa acontecer. Em nossa discussão foi possível compreender que a estética negra, especificadamente as tranças que é o tema deste trabalho, trazem consigo significados de resistência sendo capaz de ressignificar vivências negativas e reafirmar a identidade negra, de modo a desenvolver significados para o desenvolvimento da autoestima de crianças, que por vez, nem sempre possui formação e entendimento sobre sua história no seio familiar, e também de mulheres que vivenciaram a hostilização de sua imagem por referências do que é ser belo a partir de uma cultura dominadora e colonial.

Diante disto, buscamos primeiramente expor no primeiro tópico a estrutura do cabelo afro, a história e a construção da profissão da trançista de forma a contribuir com a construção de conhecimento destes símbolos tão relevantes à cultura étnico.

Logo após, o tópico dois voltou –se a compreensão do visual e da estética negra, bem como uma discussão sobre os padrões de belezas impostos socialmente, que inferiorizam e desprezam o visual negro, gerando assim a construção de uma sociedade racista que tem em seu padrão cultural do belo, traços europeus.

E para finalizar, buscamos concretizar a discussão a partir de possíveis práticas pedagógicas de forma lúdica e interativa, visando através da literatura promover um espaço de exposição, diálogo e representatividade, oportunizando tanto o fortalecimento da identidade

negra, como também a valorização da diversidade, deixando ainda a reflexão das tranças como símbolos de beleza e resistência.

Afinal, para que de fato possamos construir uma educação transformadora, precisamos criar situações de aprendizagem que possibilitem aos sujeitos vivências e experiências que contribuam para aquisição de diversas habilidades, promovendo ainda, consciência crítica, entendimento sobre sua história e cultura e valorização de seus povos.

Referências:

ARELARO, L.R.G., and CABRAL, M.R.M. Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora. In: BOTO, C., ed. Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 267-292. História, Pensamento, Educação Collection. Novas Investigações series, vol. 9. ISBN: 978-65-5824-027-3. Available from:<http://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-13.pdf>.

BARREIROS, R.C; VIEIRA, N.R.F. “AS TRANÇAS DE BINTOU”: IDENTIDADE E CULTURA. *Travessias*, Cascavel, v. 5, n. 3, dez. 2011. ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5736>>. Acesso em: 06 ago. 2021

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo. Pólen, 2019.

BLOG DA SALON. **Tipos de cabelos cacheados: tudo o que uma cacheada precisa saber!** Salonline, Fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.salonline.com.br/tipos-de-cabelos-cacheados-tudo-o-que-uma-cacheada-precisa-saber>

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

CAMILO, C. Por um ensino de várias cores. Rev.Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org/conteudo/8921/por-um-ensino-de-varias-cores>

CLEMENTE, A.F. **TRANÇA AFRO – a cultura do cabelo subalterno**. 2010, 15 p.(Monografia) - Universidade de São Paulo - USP Escola de Comunicações e Artes – ECA Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, São Paulo. Disponível em :http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/tcc_celacc/trancas-afro-cultura-cabelo-subalterno

FERREIRA, R.F e CAMARGO , A.C. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2011, v. 31, n. 2 [Acessado 6 Agosto 2021] , pp. 374-389. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>>. Epub 04 Ago 2011. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GOMES, N.L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa** [online]. 2003, v. 29, n. 1 [Acessado 6 Agosto 2021] , pp. 167-182. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>>. Epub 22 Set 2003. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>.FILMES

GOMES, N.L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GOMES, N.L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 21 [Acessado 6 Agosto 2021] , pp. 40-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>>. Epub 12 Dez 2007. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>.

KAERCHER, G.E.P.S. **Literatura Infantil e Educação Infantil: um grande Encontro**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.p>

NICOMEDES, J. Uberlândia comemora hoje o “Dia do trançista. **Rev Cultura Preta**, Jan de 2021. Disponível em: <https://culturapreta.com/2021/01/18/uberlandia-comemora-hoje-o-dia-do-trancista/>

REIS, L.A. **Trabalhando a autoestima de crianças negras no ambiente escolar: desfazendo preconceitos e estereótipos**. 2015, 42p. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalho de conclusão de especialização em Educação e Relações Étnico – Raciais. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ADSKVU>

SANTOS, L. **Etnografia do cotidiano profissional de trançadeiras afro: apontamentos aspectos éticos, estéticos e identitários**, 2019 10.13140/RG.2.2.17748.35209.

SANTOS, L. "Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros." **Olhares Plurais** [Online], 2.17 (2017): 107-108. Web. 6 Ago. 2021. Disponível em <https://revista.seune.edu.br/index.php/op/article/view/281>

SANTOS, L. **PROCESSOS EDUCATIVOS NO CONTEXTO DOS SALÕES DE BELEZA AFRO: INVESTIGAÇÕES ETNOMATEMÁTICAS SOBRE O FAZER / SABER DE TRANÇADEIRAS NEGRAS**. X Seminário Redes Educativas e Tecnológicas, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/39745286/PROCESSOS_EDUCATIVOS_NO_CONTEXTO_DO_S_SAL%C3%95ES_DE_BELEZA_AFRO_INVESTIGA%C3%87%C3%95ES_ETNOMATEM%C3%81TICAS_SOBRE_O_FAZER_SABER_DE_TRAN%C3%87ADEIRAS_NEGRAS

SANTIAGO, F. **GRITOS SEM PALAVRAS: RESISTÊNCIAS DAS CRIANÇAS PEQUENINHAS NEGRAS FRENTE AO RACISMO.** *Educação em Revista* [online]. 2015, v. 31, n. 2 [Acessado 26 Maio 2021] , pp. 129-153. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698132765>>. ISSN 0102-4698. <https://doi.org/10.1590/0102-4698132765>.

SANTOS. M.D.S A importância da diversidade na educação: um olhar sobre a cultura afro-brasileira. *Rev. Espaço acadêmico*, V.17, nº 221, 2018. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/35784>

SÉRVIO, P . "O que estudam os estudos de cultura visual?" *Revista Digital do LAV* [Online], Volume 7 Número 2. Agosto, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/12393#:~:text=O%20primeiro%2C%20refere%2Dse%20ao,que%20%E2%80%9Cestudo%20de%20imagens%E2%80%9D>.

SILVA. K.R. **Geografar, alfabetizar com fantoches, é só começar!** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38617/000823338.pdf?sequence=1&isAllowed=y>